

CEM ANOS DE LITERATURA CABOVERDIANA: 1880/1980*
(Sinópse)

Luis Romano
Escritor, Consul honorário de Cabo Verde no
Rio de Janeiro

VI

Modernistas — 1960 a 1980

Chega-se desse modo às vésperas da Libertação Nacional. Os ânimos estavam exaltados suficientemente com os estímulos anteriores, quando é publicado no Brasil o maior livro-denúncia sobre Cabo Verde, que um caboverdiano já tivera coragem e necessidade de escrever: — “Famintos” —.

Com ele, o que ficara por dizer estava patente, esclarecido aos olhos de todos. Verdadeira arma nacionalista para o combate que se vinha travando na desigualdade, esse livro punha a nú o drama do povo na terra caboverdiana condenada à desertificação das secas e às suas implicações sócio-económicas decorrentes.

E, ao que parece, sem que fosse programado, surgiu na “Hora Certa”, embora tivesse sido alinhavado e compilado na década das grandes fomes de 1940, tendo por palco todas as ilhas atingidas e englobadas numa só — Ilha sem Nome —.

Com o evento de “Famintos” muitos tabús foram despedaçados e desfeitos os mitos impostos.

Já o Neo-Realismo protestava contra a servidão e denunciava a escravidão do homem pelo homem, exigindo a terra para aquele que a trabalhava com o suor do seu esforço pessoal. O Socialismo preconizava a Reforma Agrária Mundial, contra o Latifúndio escravocrata dalguns potentados.

*Continuação do artigo iniciado no número anterior.

Desse modo, e pela mesma conjuntura de acasos, as condições favoreceram o inesperado. Seguidamente, e no mesmo ano de 1962, publicam-se duas autênticas arremetidas literárias: — “Hora Grande”, de Onésimo Silveira, e “Caminhada”, de Ovidio Martins, que viriam ser coroadas pela página dos novíssimos “SELÔ” que, também, só conseguiu dar a lume dois números, em 1962.

Nela colaboraram Arménio Vieira, Jorge Miranda Alfama, Maria Margarida Mascarenhas, Mário Fonseca, Osvaldo Osório, Rolando Vera-cruz, escritores que se confirmaram e participaram na corrente modernista das nossas letras, cada um dentro das diminutas oportunidades e possibilidades conseguidas.

O tempo encarregou-se de depurar velhas heranças que já não condiziam com a evolução mental do Homem Caboverdiano. Assiste-se a uma declarada intolerância literária frente aos padrões ultrapassados. E o grito que levantou poeria para provocar vendaval foi de Onésimo Silveira, com a chamada à ordem, em “Consciencialização na Literatura Caboverdiana” (1963). Tratando-se de um meio restrito como o nosso, a reacção perdeu serenidade e não viu que esse trabalho, no fundo, era benéfico, e dele sairiam lucrando as novas gerações, que se despegariam do visgo entorpecente de uma concentrada estagnação mental e endémica.

E o resultado foi readquirir-se melhor consciência literária. O “estilo” passou a ser mais autêntico, personalizado, na revelação de novos valores que surgiram do silêncio e modificaram os temas repetidos.

Esta autenticidade exigida sob forma de descomprometimento com o passado, apareceu logo a seguir com a novela “Distância”, de Teobaldo Virginio — em 1963 — porventura uma das mais felizes produções caboverdianas, em que o realismo se entremeia com a evocação, sem que a panorâmica deixe de focar a missão da vida do homem na sua essência quotidiana.

E é justamente longe de sua Terra-Mãe, como todos os nossos escritores embarcados, que Teobaldo Virginio elabora seus mais perfeitos trabalhos evocativos, quase num esmero clássico que viriam distingui-lo na selecção dos melhores, como “Filhas de Job”, “O Meu Tio Jonas” e “Sonetos”, ainda inéditos, mas que testemunham a perfeição a que chegou este nosso escritor saudosista e ao mesmo tempo realista!

Sobrevém o impacto anticolonialista com o “Capitão Ambrósio”, de Gabriel Mariano, em 1966, num longo poema que se transformou em epopéia e que vem reviver aquele momento de violência em Mindelo, na Ilha de Sanvicente, em 1934, que talvez tenha sido a maior manifestação popular realizada em Cabo Verde antes da nossa independência, em que o homem da rua protesta contra a fome e contra a opressão, na sua própria terra.

Por razões restrictivas, essas publicações de vanguarda e já progressistas circulavam clandestinamente. Talvez isso tenha sido a mola que lhes

tenha insuflado vida longa e constituído o privilégio de serem procuradas ávidamente, para serem transmitidas aos nossos conterrâneos, dentro e fora do arquipélago, criando assim uma sólida infra-estrutura de resistência intelectual, que dia a dia se ampliava, galvanizando o dinamismo dos patriotas.

E a mocidade compareceu mais uma vez, a congregar um grupo de estudantes que, em 1969, mimeografou 10 números da folha “Juventude em Foco”, de onde se revelaram nomes de futuros intelectuais resistentes, ou dissidentes, que tinham somente como arma a pena para escrever poemas e prosa de combate contra a servidão estabelecida: Manduka, Tacalhe, Sukre d’Sal, Dante Mariano, etc. e etc.

Entre fins de 1962 a principios de 1972, há como que uma espécie de silêncio, ou literatura enterrada viva em Cabo Verde. Evidentemente não nos referimos a algumas publicações ambíguas permitidas nesse intervalo de tempo, e que, francamente, não foram mais que meras propagandas situacionistas dos que se encontravam acomodados ou, em verdade, encurralados nestas ilhas, pela ocupação tradicional.

Os poucos livros e revistas que surgiram, foram editados no Estrangeiro e em Cabo Verde mal se tomou conhecimento deles. Muitos até à presente data!

Então, em 1971 uma sôfrega corrente de desabafos passou a colaborar na revista “Nôs Vida”, publicada na Holanda, que veio preencher assim o vazio de que padecíamos, secundada quase paralelamente por outras revistas caboverdianas: “Morabeza”, editada no Brasil em 1972, e “Ogni Uomo”, na Itália.

Todas plenas de caboverdianidade, encheram-se de variedades literárias — escritas em parte na Língua Caboverdiana, romperam com obstáculos e apontaram o que existia na nossa terra em forma de desinformação, revelando obras e valores humanos silenciados.

Embora deficientes na sua estrutura, essas três Revistas de Cultura Caboverdiana desempenharam um valioso papel informativo e aglutinante na diáspora dos nossos letrados e emigrantes, revelando que existia um autêntico sepultamento vivo dos valores que estavam ilhados.

Com a luta pela nossa independência em plena actuação, quem estava em Cabo Verde e considerava-se nacionalista não pôde mais publicar obra literária.

Tinha-se de procurar outros meios e no Estrangeiro. Foi o que sucedeu com o livro de poemas “Noti”, de Kaoberdiano Dambará, obra-prima ainda desconhecida quanto merece, escrita na modalidade fonética da Ilha de Santiago, verdadeira labareda que concentrava na sua essência toda a denúncia para a libertação africana, num grito dolorido e visceralmente maternal.

Publicado em 1973 e imediatamente esgotado, esse livro, que ultrapassou as acostumadas precauções locais, estimulou uma escola de poetas universalistas dos quais se revelaram Tacalhe, Emanuel Braga Tavares, Oliveira Barros, Arménio Vieira, David Hoppfer Almada, que colocaram o falar do Badiu da Ilha de Santiago em posição cimeira, quanto à dinâmica, estética e música, na participação da luta comum para a descanga de que se padecia.

Em 1974 precipitaram-se os acontecimentos que acabaram com a Censura. É elogiável, no meio de tanta agitação e ansiedade, conseguir-se a publicação de meia dúzia de números da folha "Ariópe", do Jornal "Alerta", — uma das mais arrojadas pela atitude, e fecundas pelas publicações nos últimos anos de repressão. Teve colaboração, entre outras, de David Hoppfer Almada, Braga Tavares, Osvaldo Osório e muita gente nova que miraculosamente ressuscitou das trevas. "Ariópe" tinha como finalidade apelar pelo povo e demonstrar-lhe que as mordidas também desapareceram com o pesadelo colonialista.

Foi um toque mágico que desencadeou novos temas e nova linguagem, em prosa, em verso, na pintura e no teatro, pouco tempo depois.

Pena que esse esforço não prosseguisse além dos 5 números publicados entre 27 de Junho a 25 de Julho de 1974, já que ficou muito material literário pendente, com o qual se teria podido montar uma Revista Literária da Juventude Caboverdiana — periódica e completa — de que tanto carecemos e havemos de ter.

"Pão e Fonema" é a primeira revelação surrealista na poesia caboverdiana moderna, ao mesmo tempo que insufla uma vigorosa emoção que nos esmaga. As visões são privilégio de um dos nossos talentos mais representativos de uma espécie de messecianismo poético, na hora presente.

Atingimos por conseguinte o estágio da Independência Nacional e a obra que se avulta nesta ocasião é o livro de poesias "Pão e Fonema", de Corsino Fortes, em 1974. Na modalidade constitui surpresa, pela forma e pelo desaforo literário com que manipula as imagens, desarmando qualquer analista desprevenido.

Retrocedendo, diremos que uma paragem é necessária: para interpretar Corsino Fortes há que recorrer-se a desenhos. Só esquematizando e percorrendo os labirintos que povoam o mundo fantástico da sua criação é que se consegue dominar a impetuosidade dessa imagística, ou a profundidade, às vezes profética das visões com que ele transforma o meio ambiente num caleidoscópio central, tudo sob uma linguagem e estilo próprios, que o definem como um dos poetas mais estranhos da actualidade caboverdiana.

Em 1975 é celebrada a independência das Ilhas de Cabo Verde. A data vem coincidir com o lançamento da 2ª edição de "Famintos" e com o livro de poemas-de-luta de Osvaldo Osório, "Caboverdeamadamente Construção, Meu Amor", — que foram contribuições para o coroamento da tamanha heroicidade chefiada pela missão libertária de Amilcar Cabral e seus Camaradas de Luta, em letras de ouro na História Africana.

Quase paralelamente João Varela publica, também em 1975, "O Primeiro Livro de Nótcha" e "Exemplo Dúbio", obras de acção e meditação que não devem ficar esquecidas, assim como, pela mesma orientação, "Cântico do Habitante — precedido de duas gestas" (poemas), de Osvaldo Osório, já em 1977.

Por essa ocasião Luis Romano consegue juntar uma colectânea de poemas e publica no Brasil: — "Amilcar Cabral — Poeta", notícia que vem revelar, com mais substância e provas em apoio, a veia lírica e humanística do Nosso Herói Maior. Embora a amostragem seja bastante reduzida para se constituir um livro, ela é, contudo, suficiente para provar que em cada poeta há um combatente em potencial. Não podemos afirmar que Amilcar Cabral, entre nós, teve influência maior, sob o ponto de vista literário, como poeta revolucionário. É sobretudo como pensador e político que a sua obra derramou uma dinâmica lição de unidade na consciência do Homem Africano e deixou doutrinas que são a fortaleza da Nossa Juventude presente, ao desenvolver a "Arma da Teoria" aplicada na prática.

E este período, que termina em 1980, é testemunho, no seu último quinquénio, da publicação da revista "Raízes" que, embora não periódica, procura manter uma tónica artística e informativa, divulgando os valores mais ou menos dispersos, e seguir contudo, uma linha literária que lembra às vezes a continuação da "Claridade", em escala reduzida, mas que não é ainda a voz da nossa Gente Nova que aguarda só estímulo e lugar para demonstrar a sua capacidade criativa.

E a sequência prossegue, sem ter havido obstáculos.

Foi com a peça teatral "Preto Tomás Ton" que Kwame Kondé, em 1976, despertou a opinião pública, chamando a atenção para as raízes africanas latentes em Cabo Verde — principalmente Ilha de Santiago, em música e ritmo — ameaçadas de desaparecer com a contaminação artificial estrangeira.

Graças ao grupo "Kordá Kaoberdi" o teatro caboverdiano está retirando das cinzas um acervo histórico com desempenho na sinceridade, e põe à nossa frente todo um processo de autenticidade e de dignificação cultural que foi excluído.

E esse renascimento que encontrou no povo um carinho especialmente emocional, está marcando uma época, sem dúvida, ao conceder lugar de plateia a danças e músicas como o "Funaná", relegadas a locais privados

e ao ostracismo. Hoje, graças à tenacidade de Kondé o nosso povo assiste, deslumbrado, às cenas da sua vida passada, escuta aquelas músicas e danças que foram proibidas e pode ouvir a língua nativa utilizada na encenação daqueles quadros, que lembram a dramática vida dos escravos na época da Servidão em Cabo Verde. Isso constitui uma revolução cultural, falando-se de teatro caboverdiano, que já tem adeptos actuando nos E.E.U.U., como Donald Macédo na peça de sua autoria "Descarado", e, no Brasil, Artur Vieira com "Galafo", encenação que está em projectos ser um dia apresentada aqui.

Acontece um impacto resultante do final da longa luta, e uma espécie de paragem psicológica entorpece as Letras Caboverdianas, nesses últimos anos, alterada quase unicamente pelos poemas e contos de João Rodrigues, que trabalha em ambiente isolado e carente. Mesmo assim dá a público "O Casamento de Juquim Dadana" e "Montes Verde-Cara", que são retratos da vida mindelense, fixadas pela evocação.

Em 1978, Henrique Teixeira de Sousa termina esta fase com o romance "Ilhéu de Contenda", últimos vestígios do latifúndio na Ilha do Fogo, obra de longo fôlego, impregnada ainda de influências claridasas e que bem podia ter sido publicada alguns anos atrás, sem que deixe de ser um importante documento de épocas pouco conhecidas, quando se processava já a decadência dos sobrados onde os morgados chegaram a reinar como pequenos déspotas sobre a população desvalida.

A virtude literária de Teixeira de Sousa é o equilíbrio, na apresentação das imagens, a sobriedade quase impessoal no desenrolar dos sentimentos e o realismo da trama, colocando o leitor no centro da acção, imperceptivelmente.

Literatura Caboverdiana

A página literária "Kabverd" do jornal "Terra Nova" vem contribuindo, de uma forma segura e constante, para se editar algum dia próximo um documentário variado sobre as modalidades faladas entre as ilhas do arquipélago caboverdiano.

São manifestações populares, com características próprias, que servem de apoio ou de fonte informativa para se compreender a evolução do idioma regional, até se chegar à oficialização da Língua Caboverdiana.

Para as gentes destas ilhas é uma maneira comprovativa de ver sua forma de falar registrada na escrita. Para os estudiosos é um laboratório valiosíssimo em que se poderá acompanhar as adaptações e evoluções de uma língua: novi-latina criada pelos euro-africanos, com predominância dos povos da Península Ibérica e do Golfo da Guiné a partir de 1500.

Para os Emigrantes Caboverdianos é uma espécie de recompensa que coloca o arquipélago mais perto, mesmo com a separação da distância.

Para a Juventude local é um estímulo que faz reter ou conservar todo um repositório da nossa literatura oral já condenada a ser esquecida.

Para um futuro Dicionário Caboverdiano será uma importante fonte de consulta que ficou preservada da destruição.

A Autonomia Cultural

Pelo número e pelo sentimento, o maior leitor caboverdiano é público caboverdiano — Razões de se implantar uma Editora Caboverdiana.

A tendência actual do Escritor Caboverdiano caminha para a sua autonomia cultural, já que ele descobriu que o seu maior e melhor Leitor é o próprio Caboverdiano.

Verificamos, no Estrangeiro, livros dos nossos compatriotas expostos sobre a mesa da sala de visitas, como se fossem álbuns de família, em casa de patrícios que não sabiam ler o português.

Era o orgulho de mostrarem que também tinham escritores na sua terra distante e mal conhecida.

Verificamos pessoalmente, em diversos países, por que passamos, a curiosidade da nossa gente em saber se havia livros nossos que pudessem adquirir e que falassem das coisas caboverdianas.

Esses sintomas demonstram que temos leitores interessados entre nossos emigrantes, num mínimo de 15.000 que poderiam assegurar a implantação de uma Editora Caboverdiana, com a seguinte distribuição através dos organismos diplomáticos respectivos de cada país:

Portugal.	2.000 exemplares
França.	1.000 "
Belgica e Suíça	1.000 "
Holanda e Suécia.	1.000 "
Senegal	1.000 "
Ex-Colónias Portuguesas	2.000 "
Brasil	1.000 "
Argentina.	1.000 "
E.E.U.U.	5.000 "

Isso perfaria um total de 15.000 exemplares por edição. Com duas edições anuais seria possível reconstituir a nossa Bibliografia e actualizar o leitor caboverdiano com os seus escritores.

O povo raras vezes se engana. Tudo quanto se tem escrito, tentando ocupar o lugar do escritor caboverdiano não tem vida longa, pelo simples facto de não ser autêntico e pecar pelo artifício.

Queremos dizer que essas obras, por mais bem intencionadas que sejam, não reflectem nossa forma de sentir ou não caem no coração do próprio povo, como ele critica na sua simplicidade.

Por isso, há que reconsiderar todos esses factores e pôr em acção, em Cabo Verde, uma Editora Caboverdiana que publique as obras que estão aguardando uma nova Libertação literária e que consigam trazer para mais perto da terra e da sua gente, o nosso emigrante ameaçado de nos esquecer, por causa da distância, e por absorção, ao longo de algumas décadas mais, entre povos com outros costumes de vida.

Publicações entre 1960 a 1980

- 1961 – “Gente da Ilha” – Contos – Nuno Miranda
- 1961 – “Modernos Poetas Caboverdianos” – Antologia – Ed. Henriquinas
- 1961 – “Cabo Verde – Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago” – Tese – Maria Dulce de Oliveira Almada
- 1962 – “Arquipélago” – Semanário 19 nº em 23.8.1962, último, nº 619, em 20.6.1974
- 1962 – “Famintos” – Romance do povo caboverdiano – Luis Romano – 1ª ed.
- 1962 – “Caminhada” – Poemas – Ovidio Martins
- 1962 – “Caminho Longe” – Terêncio Anahory
- 1962 – “Hora Grande” – Poesia – Onésimo Silveira
- 1962 – “Tchutchinha” – Conto – Ovidio Martins
- 1962 – “Notas sobre a poesia e ficção caboverdianas” – Ensaio – Arnaldo França
- 1962 – “Seló” – Página dos Novíssimos – Dois números publicados – Colaboração de: Arménio Vieira, Jorge Miranda Alfama, Maria Margarida Mascarenhas, Mário Fonseca, Osvaldo Osório, Rolando Vera-cruz etc.
- 1963 – “Beira do Cais” – Narrativas – Teobaldo Virginio
- 1963 – “Clima” – Poemas – Luis Romano
- 1963 – “Distância” – Narrativa – Teobaldo Virginio
- 1963 – “Consciencialização na Literatura Caboverdiana” – Ensaio – Onésimo Silveira
- 1963 – “Compreensão de Cabo Verde” – Nuno Miranda
- 1964 – “Cancioneiro da Ilha” – Poesia – Nuno Miranda
- 1964 – “Crioulo e Outros Poemas” – Manuel Lopes
- 1964 – “Cabo Verde – Elo antropológico entre a Africa e o Brasil” – Etnografia – Luis Romano
- 1965 – “Doze Poemas de Circunstância” – Gabriel Mariano
- 1966 – “Capitão Ambrósio” – Poema – Gabriel Mariano
- 1966 – “Exemplo Geral” – Texto exodo – João Vario

- 1966 – “Literatura Caboverdiana” – Ensaio – Luis Romano
- 1967 – “Cabo Verde e Guiné e a Companhia do Grão-Pará e Maranhão” – História – António Carreira
- 1967 – “O Enterro de Nha Candinha Sena” – Noveleta – António Aurélio Gonçalves
- 1967 – “Cabo Verde – Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio” – Etnografia – Luis Romano
- 1967 – “Esboço de um Estudo sobre Etnossociologia Caboverdiana” – Jorge Morbey Ramos Pereira
- 1967 – “Vida Crioula” – Narrativa – Teobaldo Virginio
- 1968 – “Exemplo Relativo” – João Vario
- 1968 – “Panaria Caboverdiano-Guineense” – Etnografia – António Carreira
- 1969 – “Reflexões sobre a Literatura Caboverdiana ou a Literatura nos Meios Pequenos” – Manuel Lopes
- 1969 – “Juventude em Foco” – Dez números mimeografados – Colaboração de Armando Lima Junior (Manduka), Dante Mariano, Francisco António Tomar (Sukre d’Sal), Alirio Vicente Silva (Tacalhe) etc.
- 1970 – “Noite de Vento” – Noveleta – Antonio Aurélio Gonçalves
- 1971 – “Virgens Loucas” – Noveleta – Antonio Aurélio Gonçalves
- 1971 – “Nós Vida” – Mensário – Associação Caboverdiana de Rotterdam-Holanda
- 1972 – “Contra Mar e Vento” – Contos – Henrique Teixeira de Sousa
- 1972 – “Cabo Verde – Formação e Extinção de uma Sociedade Escravo-crata” – 1460 – 1878 – António Carreira
- 1973 – “Hora di Bai” – Letras e canções caboverdianas – Pe. José Maria – Dois vols.
- 1973 – “Negrume/Lzimparín” – Contos e poemas bilingues – Luis Romano
- 1973 – “Noti” – Poesia – Kaoverdiano Dambará
- 1973 – “Viagem para Além da Fronteira” – Poesia – Teobaldo Virginio
- 1973 – “Morabeza” – Revista internacional da Cultura Caboverdiana – Luis Romano e Artur Vieira
- 1974 – “Kordá Kaoverdi” – Poesia – Kwame Kondé
- 1974 – “Renunciando Pasargada” – Ensaio – Kwame Kondé
- 1974 – “Cais do Sodré té Salamansa” – Orlando Amarilis
- 1974 – “Montes Verde-Cara” – Contos – João Rodrigues
- 1974 – “Pão e Fonema” – Poemas – Corsino Fortes
- 1974 – “Os Rebelados da Ilha de Santiago de Cabo Verde” – pesquisa – Julio Monteiro
- 1975 – “Caboverdeamadamente Construção, Meu Amor” – Poemas-de-luta – Osvaldo Osório

- 1975 – “Exemplo Dúbio” – Poesia – João Vario
 1975 – “A Ilha e a Solidão” – Poesia – Daniel Filipe
 1975 – “O Primeiro Livro de Nótcha” – Poesia – João Vario
 1975 – “Voz di Povo” – Semanário com participação literária
 1976 – “Jogos Florais 12 de Setembro 1976” – Antologia de poesia caboverdiana. Figuram Arménio Vieira, Osvaldo Osório, Jorge Fonseca, Armando Lima, Vera Duarte, Pedro Gregório, Vasco Martins, Pedro Delgado, João Rodrigues, Marino Verdeana, Lopes da Silva
 1976 – “Preto Tomás Ton” – Teatro – Kwame Kondé
 1976 – “A Poesia Viva de Cabo Verde” – Colectânea – Luis Romano
 1977 – “Caminho Longe” – Romance – Nuno Miranda
 1977 – “O Cantico do Habitante – Precedido de Duas Gestas” – Poesia – Osvaldo Osório
 1977 – “Raízes” – Revista literária – Sob a direcção de Arnaldo França
 1977 – “Cabo Verde” – Apontamentos etnográficos” – João Lopes Filho
 1977 – “Amdjeres” – Poemas – Sukre de Sal
 1978 – “Kordá Kaoberdi” – Teatro – Kwame Kondé
 1978 – “Estória... estória” – Contos – João Lopes Filho
 1978 – “Ilhéu de Contenda” – Romance – Teixeira de Sousa
 1978 – “O Papel do Escritor na Afirmação e Desenvolvimento da Língua Nacional” – Conferência – Luis Romano
 1978 – “Alívio” – Poesia – Deodato José da Silva
 1978 – “Lágrimas de Djabraba” – Mornas e poesias – Rodrigo Pires
 1979 – “Vangêlê Contód d’nós Moda” – Novo Testamento em versão caboverdiana da Ilha de Sanyicente – Sergio Frusoni
 1979 – “Cabo Verde – Poemas” – Colaboração de Osvaldo Osório, António Nunes, Aguinaldo Fonseca, Corsino Fortes, Manuel Lopes, Jorge Barbosa, Osvaldo Alcantara, Ovidio Martins, João de Deus Lopes da Silva, Arménio Vieira, Virgílio Pires, Daniel Filipe, Gabriel Mariano, Onésimo Silveira, Pedro Corsino Azevedo, Armando Lima Jr., Terêncio Anahory, Súkrato, Dante Mariano, Vera Duarte
 1980 – “Le Moulin et le Pilon” – Les Iles du Cap Vert – Nelson Eurico Cabral

VII

Contemporâneos e a Cultura – De 1980 a.....

Esta rubrica, com efeito, é constituída por Veteranos que ainda escrevem e Contemporâneos que enfileiram-se pelo caminho artístico ou

literário, a contrariar aqueles que negativamente julgam emudecida a cultura caboverdiana, ou que ela foi sepultada pela mudança súbita das situações, ou ainda que ficou traumatizada por um deslumbramento inesperado, provocado pelo evento da Independência Nacional.

Nada disso! Tudo tem o seu tempo e aquele que procurar contrariar a Natureza, tarde ou cedo sofrerá as consequências.

Literariamente, em Cabo Verde está-se atravessando uma fase de nova mentalização, sob o processo adaptativo de modalidades que necessitam o devido ajustamento psicológico, para se libertar de normas superadas ou de complexos sedimentados ao longo de séculos.

Não é de um dia para outro que se muda a temática geral ou a maneira tradicional de um povo proceder.

A nossa sensação de libertos tem contribuído bastante, e beneficentemente, para a mudança de estilos e temas.

O Escritor Caboverdiano subitamente acordou-se desamordaçado, mas ficou um tanto perplexo quando tentou acompanhar plenamente essa liberdade. Daí é que advém o espaço de tempo necessário à adaptação emocional em processo, o que é natural.

Na hora presente animam-se os Veteranos e os Contemporâneos, procurando a solução mais acertada para se continuar a escrever e a produzir, muitos publicando suas próprias edições com os sacrifícios que todos nós conhecemos. E é justamente nesta fase crítica que atravessamos sob aspecto intelectual, que todo o estímulo deverá ser concedido para que as sementes encontrem terra fecunda para germinar.

Também é nesta conjuntura – repetimos – que a nossa literatura poderá tornar-se vulnerável a agentes estranhos que, encontrando campo de acção indefeso e próprio, não hesitarão em penetrar e descaracterizar as Nossas Letras com influências negativas e inautênticas, porque estranhas à essência dos nossos sentimentos.

Eis porque o momento actual é de muita responsabilidade para Nós Todos que empenhamos a pena a serviço do ideal criativo. O essencial é sermos dignos daquilo que sempre fomos – CABOVERDIANOS – e continuarmos a sê-lo!

Ao desenvolver, com alguns detalhes, a última parte desta análise iniciada desde 1880, esclarecemos que haverá, certamente, ainda nomes de literatos caboverdianos que, sem querer, não mencionamos por falta de dados, e que em futuro estudo complementar não deixaremos de divulgar, pelo que desde já pedimos desculpas e aceitamos ajudas, daqueles que nos prestaram colaboração, para irmos actualizando este trabalho que servirá de consulta aos Estudantes interessados.

Portanto ao abrir este capítulo, diremos que tanto a velha como a jovem-guarda caboverdianas representam nossos bens patrimoniais, que

são personagens presentes, já que existentes, e que de uma maneira ou de outra estão contribuindo para a nossa realidade cultural.

Ingratidão seria não nos referirmos a um vultoso cabedal de informação bibliográfica, estrangeira, sobre Cabo Verde. Para isso há que elaborar um "índice informativo geral", que será matéria para outro estudo e agradecer todos que se lembraram de Nós.

Por agora, deixamos bem claro que só mencionamos escritores nascidos em Cabo Verde e que escreveram algo sobre esta terra e sua gente para se levantar uma estatística literária.

A finalidade foi demonstrar que ao longo de um século, mesmo pouco, fizemos algum esforço e que valeu a pena esse esforço. Sem isso não teríamos podido coligir as anotações que formam esta sinópsse, mesmo assim bastante incompleta, o que dará motivo para sua actualização periódica, contribuindo para dar ao Escritor e ao Artista a sua verdadeira estatura, e à sua obra a dimensão conseguida, mesmo à custa de qualquer sacrifício.

Notas sobre Publicações de Contemporâneos — 1980 a...

1980 — "Cantigas de Trabalho" — Etnografia — Dos Contemporâneos quem abre a temporada é OSVALDO OSÓRIO, que através da Literatura Oral, compilou no livro em referência diversas lembranças etnográficas já condenadas a desaparecer em terra caboverdiana.

Como incentivo, é muito apreciável, já que, se o exemplo for seguido, ainda se poderá salvar o pouco que resta dos canticos populares antigos e usados no trabalho, nalgumas ilhas deste arquipélago, tanto mais que, utilizando novos métodos de gravação, poderá chegar-se a uma autenticidade até então desconhecida. Sob ponto de vista nacional é uma achega documentativa, das muitas ainda dispersas, que poderão estimular a ideia de se lançar a primeira pedra para a construção de um Museu Etnográfico Caboverdiano.

1980 — Kwame Kondé — Como todos sabemos, o teatro também é cultura, e das mais elevadas, para transmitir ao público a mensagem popular, sob modalidades que vão das reivindicações às mais íntimas cenas emocionais. É isso que o grupo "Kordá Kaoberdi" está desenvolvendo em Cabo Verde, com recursos mínimos de encenação, sómente enriquecido pela interpretação espontânea dos seus actores e dançarinos colhidos no meio do povo.

Além do talento inegável do encenador Kwame Kondé — (Francisco Fragoso) — a grande novidade foi o conjunto trazer ao palco, perante o público nativo, a força e a beleza rítmica da Língua Caboverdiana, sob a magia compassada da "Txabeta" e da envolveria sensual da música do

"Funaná", no desempenho de temas com raízes africanas que chegaram a Cabo Verde, através, por exemplo, do "Rei de Tabanca".

Só o tempo virá demonstrar, a todos, o alcance histórico-cultural dalguns espetáculos populares do grupo "Kordá Kaoberdi", que hoje nos faz reviver todo um mundo retido numa retrospectiva de muitos séculos, quando a Ilha de Santiago era um entreposto da escravatura resgatada na Costa d'Africa.

1980 — "Descarado" — Teatro — Filho de Cabo Verde, nascido na Ilha Brava, Donaldo Macedo mesmo emigrado e residente dos E.E.U.U. há longos anos conseguiu reunir numa curiosa peça teatral, uma parcela do viver da sua ilha natal, onde desenvolve uma comédia-sátira na língua nativa, e em que analisa e observa as consequências das heranças atávicas dos bons costumes tradicionais das gentes da terra, perturbados pela simples presença de um pobretanas branco, aventureiro bem falante, cheio de galanteios e malicioso, que torna-se o homem principal do povoado, ao seduzir e casar com a filha do morgado mais rico da ilha.

Donaldo Macedo consegue subtilmente fazer chegar ao público toda a malícia em que se esconde o oportunismo, ao mesmo tempo que demonstra a fragilidade da boa-fé, em determinadas circunstâncias, onde imperava o culto por todo aquele que chegava da Europa.

Tratando-se de uma obra pioneira, publicada e encenada nos E.E.U.U. perante um público conterrâneo que vibrou escutando sua maneira cantada de falar, é de crer que Donaldo Macedo já tenha outros assuntos similares em projecto, tanto mais que, em Cabo Verde, a mesma peça interpretada pelos componentes do "Kordá Kaoberdi", foi muito apreciada e aplaudida.

1980 — "Galafo" — Teatro — Artur Vieira, escritor e poeta caboverdiano, natural da Ilha Brava e residente no Brasil, há longos anos que vem manejando desembaraçadamente a sua língua materna, através de uma variedade de estórias, poemas, "bogas" e achegas folclóricas, no roteiro bem digno de um conterrâneo de Eugénio Tavares.

É com a peça teatral "Galafo", escrita inteiramente na modalidade bravense, que Artur Vieira vem colocar-se, em boa posição, ao lado do seu compatriota Donaldo Macedo, hoje teatrólogo confirmado.

Em Artur Vieira viemos encontrar a mesma espontaneidade e pleno domínio linguístico no à vontade de movimentação constatados em Donaldo Macedo. Embora neste exista mais técnica, naquele há mais clima telúrico, comparando a peça com a outra, sem desmerecimento entre ambas.

A encenação que se prepara para trazer "Galafo" ao palco, está a cargo do elenco "Kordá Kaoberdi" e será a confirmação de Artur Vieira como artista que encontrou na língua materna a seiva para melhor exprimir os encantos da sua ilha que poucos de nós conhecemos devidamente.

1981 — "Canto Liberto" — Antologia poética — Graças aos empenhos da JAAC — CV, conseguiu-se editar um pequeno caderno de poemas de vá-

rios estudantes, ainda naquela fase de pureza absoluta, que muitas vezes se transforma em edital para uma revelação artística.

O exemplo que se deduz dessa antologia incipiente é o resultado daquilo que pode construir e até fazer milagres em época da descrença: o Estímulo!

Não fora isso ficaríamos sem essas pérolas expontâneas que, um dia facetadas, serão brilhantes saídos deste chão de pedras que se chama Cabo Verde.

Mas, no caso em foco são pérolas, porque têm como envolvimento o mar, nosso laboratório natural que estimula visões e dá asas aos pensamentos manietados de todo o caboverdiano sonhador.

Experiência fecunda e comprovante, ou melhor, aliciante, já que teve condições de trazer do silêncio, vocações que palpitavam e só esperavam o toque inicial para, em forma de cintilações, iluminarem, um quadro vivo, constituído por novas gerações repletas da grande vontade de se sentirem presentes e actuates.

O caminho está traçado pela Juventude. É nela que deverá estar assente toda a esperança de qualquer nação que saiu das trevas e deseja contribuir para um mundo de Paz, de Pão e de Amor, realidade possível, que detractores consideram utopia porque já são os "vencidos" do novo amanhecer.

1981 — "Casas e Casinhotos" — João Rodrigues conseguiu juntar elementos da sua comunidade e publicar uma moderna narrativa salpicada de respingos etnográficos, tudo sob a virtuosa maneira de contar e dinamizar as pessoas, confluídas num pequeno povoado da cidade de Mindelo, na Ilha de Sanvicente.

Neste novo livro, o Autor domina o desembaraço realista que palpita nos capítulos desse precioso album de lembranças dos velhos tempos em que a vida era "sabe".

Sem fugirmos às virtudes da obra, especialmente, queremos vincar os esforços de João Rodrigues, que tem empregado persistente exemplo isolado, contornando dificuldades para editar pessoalmente seus livros, de modo a adicionar na sua bibliografia uma novidade periodicamente.

Este exemplo significa que há pelo menos contribuição de se poder publicar duas obras todos os anos, se quisermos fundar uma Associação privada ou oficial que se encarregue de divulgar nossos escritores ou poetas mais destacados, em concursos literários levados a efeito aqui mesmo, em Cabo Verde.

1981 — "Poemas" — Finalmente Arménio Vieira nos concede publicamente o seu livro "Poemas" — 1971-1979 —, que veio quebrar o silêncio torturante deste incontestável paladino das nossas letras.

Poeta sofrido, independente, de uma exactidão que se impõe, na colocação do termo e na escolha do colorido ou virtude das imagens.

Arménio Vieira, um veterano precoce, e um combatente das primeiras horas, consegue fixar momentos de rara beleza estética, principalmente na última parte do livro em consideração, intitulada "Poema Dois".

O que destaca este artista entre os demais colegas e conterrâneos que cultivam a poesia é a seriedade com que encara sua missão de Poeta e o carácter desalienado com que enfrenta e analisa ou expõe as fugas ou abstracções do seu "subconsciente febril" sempre atormentado pela criatividade no isolamento ou no desconforto íntimo.

Seu procedimento visto sob prisma imparcial, faz dele um artista inconformado, já com amplitude universal. Seus poemas revelam uma natureza sedenta de sonhos, mas desfeitos prematuramente ou não realizados. Poderíamos dizer que a poesia de Arménio Vieira é uma ansiedade através do realismo, a caminho da Esperança.

1981 — "Cabo Verde" — Subsídios para um levantamento cultural — João Lopes Filho, dentro das limitações documentativas e das observações colhidas pessoalmente, merece todo o nosso apreço pelo trabalho etnográfico que vem realizando sobre Cabo Verde.

Não é fácil, para o emigrante, conseguir reconstituir ambientes, analisar padrões de cultura, interpretar tradições e compreender mudanças em comunidades ilhadas como as nossas, a milhares de quilómetros de distância.

E isso João Lopes Filho está conseguindo, graças ao privilégio das observações apoiadas na evocação dos seus tempos de menino-das-ilhas. Esse favorecimento natural propicia-lhe deambular por Cabo Verde e indicar os meios mais adequados para se conservar o património cultural dos nossos avós, através das tradições e modos de viver do povo, na transmissão instintiva de um legado que, por si só, fundamenta a necessidade de se criar um centro de estudos etnográficos ou de pesquisas sobre a antropologia cultural no Arquipélago Caboverdiano, enquanto for tempo.

1981 — Jorge Tolentino — Como poeta e contista, a vocação literária deste jovem é uma promessa comprovada, se atentarmos no que já escreveu e na forma por que envereda sua criação.

Julgamos, no entanto, que não se deverá exigir dele, antes de tempo, grandes vôos e uma arquitectura artística baseada em equilíbrio perfeito. Isso seria extemporâneo e até atrofiante. Há que deixar florescer e consolidar a essência ficcionista que lhe é inata. Queremos dizer que Jorge Tolentino detém qualidades naturais para coroar nossas esperanças, se lhe forem dadas condições de desenvolvimento em ambiente propício a estudos mais avançados.

Seu amadurecimento precoce, como observador popular, só tem a ganhar se essa observação englobar a mundivivência do dia-a-dia da nossa gente, reunida numa só família, interligada, pelas mantilhas de uma ilha para outra.

E o que nos prendeu a atenção, neste jovem publicista, foi a realidade com que encara e expõe seus casos, numa linguagem limpa de rodeios e floreios, que vai directamente ao ponto essencial da questão, num domínio de serenidade que raras vezes encontramos em principiantes.

1982 — Maria Margarida Mascarenhas — Ficamos com a impressão de que não se valorizou, até hoje, exactamente o talento de M.M.M. como contista caboverdiana, embora já tenha publicado em revistas e jornais literários um número bastante de histórias que dariam volumoso livro de estória.

Há artistas que passam despercebidos, ou criaturas que se ignoram, simplesmente por desencontros no tempo, ou por ter o público prestado atenção a qualquer propaganda anódina, justamente quando esse artista irradiava seu melhor esplendor.

Talvez tenha sido uma série de contratempos assim, a causa que ofuscou o trabalho e valor dessa contista extraordinária, que em época oportuna, também contribuiu para a dignificação do seu irmão caboverdiano mais ou menos marginalizado, descrevendo cenas que ficaram registradas em letras de imprensa e são contributo para enobrecê-la, mau grado o silêncio que se verifica à sua volta, quando já se devia ter publicado toda a sua obra literária que vem aproximadamente de uns vinte anos até a presente data.

Com predicados de um poder comunicativo que prende a atenção logo de início, a virtude se concentra no diálogo, na vida inquieta ou atormentada das pessoas, até conseguir transformar o enredo numa autêntica encenação de espontaneidade e realismo. É assim que a pouco e pouco seus contos passam a ser pedaços de gente, dentro de uma comunidade, diversificados por uma gama contínua de problemas e solicitações.

Afinal, também nos meios pequenos há jogos de promoção com seus tentáculos e infiltrações. Se naquela época de reverências, a vocação literária de Maria Margarida Mascarenhas tivesse sido coroada com a presença de um livro seu, hoje estaria consagrada como a melhor contista caboverdiana da nova geração. Mas não foi possível, porque a comparticipação social com que impregnava os seus contos serviu de trave para que não saísse além do permitido na imprensa do arquipélago que tinha seus astros já catalogados em constelações concentricas.

Daí o desestímulo consequente, em forma de silêncio, que envolve M.M.M. e a sua obra que também é nossa.

Embora os fados não lhe tenham sido propícios, o material literário já publicado esparsamente, e outro mais que ela guardou para compilar, poderá um dia breve confirmar o que acabamos de informar, como excelente contribuição para as Letras Caboverdianas.

1982 — “Ressaca” — Poemas — de João de Deus Lopes da Silva — Temos o homem à nossa frente e o poeta ao mesmo tempo, demonstrando o panorama interior de uma alma atingida pelas mais variadas situações da sua vida íntima.

Fora de dúvida, na análise da posição poética de Lopes da Silva, há que ter em causa aquela sensibilidade extraordinária que raros filhos nascidos neste Mar-Atlântico mal conseguem sofrer as emoções, quando tocados pela magia da ficção estética.

Justamente, este estado de cultura, que bem poderíamos dizer, também, ser consequência de um conjunto de atitudes ou fenómenos colhidos durante o “roteiro de uma vida”, veio resultar uma série de notas musicadas à guisa de poemas, ao mesmo tempo que enforma, admitamos, a construção de um monumento com bases firmadas na terra caboverdiana, em que a argamassa se plasmou através dos mil casos que constituíram e constituem toda a orquestra ora exposta nas páginas do livro “Ressaca”.

Dizemos orquestra porque toda a ressaca é um produto de sons e foi, talvez, por isso, que o poeta imaginou um encadeamento sonoro, que pudesse satisfazer-lhe os anseios e transmitir-nos o seu estado de alma.

Se levarmos em conta a agonia em que se asfixiou a poesia caboverdiana dos últimos tempos, é com todo o estímulo que acompanhamos a atitude positiva e, melhor, construtiva de Lopes da Silva, na mira de que a sua voz íntima não fique no silêncio das coisas vivas ou, então, não se atrofie nos impasses que, de vezes, surgem nesta escabrosa caminhada, onde se situa e mal se afirmou ainda a Poesia Caboverdiana.

Surpresa maior resulta da multiplicidade de casos nos poemas apresentados, o que vem esclarecer e banir de uma maneira formal que, quando se é artista e se tem sensibilidade, os temas não faltam.

Parece-nos que é uma questão de sentir, embelezada pelo vigor e pela harmonia da expressão. Com esses atributos, qualquer grão de areia se transforma num universo ilimitado e foi, talvez, dentro dessa óptica, no acozimento de outras dimensões que o livro “Ressaca” surgiu do mistério de que toda a poesia é impregnada, para chegar até nós na sua simplicidade de um desquebrar de ondas: daí o nome “Ressaca”.

1982 — “Folhas Verdes” — Poemas — Apresentado em folhas avulsas, de cor verde, num envelope que serve de capa, surgiu entre nós uma colecção de poemas, de vários autores, sobretudo de gente nova que procura na poesia um meio de evasão.

O aspecto essencial da “Folhas Verdes” é a Liberdade, seja ela qual for, sem se ater a caminhos já andados. A liberdade plenamente, solicitada pela juventude actual, como fim supremo de todas as reivindicações que o ser humano pôde aspirar.

E, compreende-se:— Todas as vezes que há mudanças de climas ideológicos, ou de confrontos entre épocas, são os jovens que não só recebem o impacto dos primeiros choques, como também chamam sobre si a tarefa de lutar, para evitarem a marginalização, ou o desespero de um refúgio na incomodidade ou na anarquia, até se processar a adaptação e equilíbrio.

Esse fenómeno está percorrendo o Mundo e cada país sofre ou beneficia-se dessas mudanças. No caso em apreço é uma atitude criativa, gregária, que só nos pode estimular já que demonstra a vontade e tenacidade do Artista em manter de pé sua mensagem, mesmo numa época onde há mais dificuldades do que proventos, e falta o tempo para se ler um livro com mais de 100 páginas.

“Folhas Verdes” lembra um união de participantes lutando para que a Poesia não fique silenciada, justamente agora que os motivos se multiplicam e os jovens representam a maioria da nossa população local.

A fim de que fique registrado, para documentação e consultas, indicamos os nomes dos elementos que apresentaram poemas nos 5 números já publicados até este momento:— Antonio Luis, Arménio Vieira, BAH, Deodato Silva, Djon Dick, Djóbla, Djily, Figueiredo Soares, Luis Romano, Maguy Fragoso, Maimuna, Makala, Miguel Alves Moninfeudo, Nicolau Lopes, Oswaldo Osório, Ovidio Martins, Oliveira Barros, Pedro Gregório, Prometheus Peregrino, Tchá, V.V., M. Veiga, Mario Virginio, 25 traço 56, Modesth, Pedro Peixoto, Jorge Fonseca, M. Carreira, Luis d’Assolmar, João Rodrigues, Jaime Oliveira, Humberto Lopes, Reinaldo Garcia, Maia Lopes, Flavio Camilo, Chico Buzio, Arlindo Ramos, Deodel, Armando, Osvaldo Alcantara, Samir Silva, Jarona, Cana Brava, Bituka, Bartabá, Silva...

O que não podemos deixar de dizer é que nessa “Folhas Verdes” não devia haver intromissão de escolas antigas que, porventura, possam perturbar esses juvenis e com isso amarelecer tanto verdor; ou seja procurar não introduzir poetas veteranos que sirvam de apoio, mas sim deixar em plena acção essas novas gerações desinibidas expressar livremente o canto impulsionado por outra vibração mais actualizada.

O esforço deve ser assinalado; que não tenha porém estertores na sua missão, mas sim serenidade para uma longa vida de novidades e revelações literárias em pequena terra tão cheia de promessas e talentos.

1982 — Leonel Warton — Em 1971, chamamos a atenção do público para as esculturas em madeira ou, melhor, pelos trabalhos de talha que Leonel Warton estava realizando, fixando de uma maneira requintada de bom gosto artístico, diversos momentos da vida da gente caboverdiana.

Com efeito, as exposições que mais tarde se seguiram, vieram confirmar o mestre que desde muito cedo foi artista, no esmero da forma e na fineza do traço, mesmo quando o assunto não exigia tal refinamento. Dessa obra plástica ficou uma autêntica galeria onde as cenas locais têm vida e prendem

nossa sensibilidade, num agradecimento, pela salvaguarda do nosso património cultural.

A notícia que hoje transmitimos é a de que Leonel Warton está também reproduzindo, em quadros coloridos, as diversas ruas e paisagens da cidade do Mindelo em Sanvicente. Numa época de mudanças diárias, conservar em telas as imagens do nosso meio, é obra de louvor. Fixá-las, porém, com aquele sopro de artista que só o Artista pode incutir vida em naturezas mortas, é a virtude que faz de Leonel Warton uma daquelas raridades que de longe em longe surgem entre nós, naquela missão constante e obsecante de criador, que passa como um sopro divino, embelezando a terra e dignificando os homens.

1982 — Mário Rito de Sousa Monteiro — Um entalhador paisagista. Não mencionar os trabalhos deste jovem entalhador seria uma injustiça, tanto mais que Mário Rito é criador com pronunciada tendência social e revolucionária.

Também não vamos nos deter em algumas reproduções que mais põem em evidência a habilidade artesanal do que o sopro vivo do Artista. Não! A nossa análise fixa-se sobre motivos da sua própria criação e que já revelam, sem sombra de dúvidas, um entalhador-paisagista atraído pela condição desumana e suas manifestações, principalmente nos motivos em que ele congrega a multidão em gestos de reivindicações à vida ou à liberdade.

A grande mensagem dos seus trabalhos é baseada em assuntos caboverdianos, ou, então, em instantâneos de denúncia em que o ser humano é o tema principal e universal.

Outro aspecto raro é o surrealismo, ou uma espécie de visionismo em quadros propositadamente deformados para chegar à objectiva simbólica que o leva a ser único nessa criatividade em Cabo Verde.

1982 — Manuel Figueira — Pintura e tecelagem. As primeiras manifestações plásticas, através da pintura e do desenho, que conhecemos de Manuel Figueira, nos chegaram de Portugal e da França, antes de 1975. Depois é que viemos conseguir analisar pessoalmente seus trabalhos, sobretudo aqueles realizados na fase de estudante universitário, já com ideias definidas e avançadas para o meio, não pela época.

Manuel Figueira domina o aglomerado expressionista, onde consegue personificar na penumbra ou nebulosidade do conjunto a intenção do tema que fixou na tela.

Outras vezes é recorrendo-se ao geometrismo colorido que obtém a exacta proporção das figuras nas suas demonstrações musculares, frente à quebra dos grilhões sociais, ou quando aglomera multidões para fixar um caso, sempre com ligação estreita a temas caboverdianos, num enaltecimento

que sugestiona a presença de um novo compatriota, livre e consciente desse privilégio.

Numa análise serena demonstra sua capacidade técnica e sua veia artística, na concepção e no arrojo temático. Suas pinturas poderiam servir de matrizes para selos comemorativos. Seus desenhos, quanto a nós, detêm uma força expressiva que ainda não foi pormenorizadamente aproveitada como alavanca de estímulo à Juventude.

Tecelagem — Da polivalência de Manuel Figueira há que reter o esforço que vem empregando, para ressuscitar os nossos antigos motivos de tecelagem, quase desaparecidos nas ilhas em que essa arte industrializada era mais desenvolvida.

Assim é que, embora lentamente, ele com a sua escola vai repondo os fragmentos desaparecidos daquilo que formava todo um conjunto harmonioso que deu fama aos nossos "Panos de Obra".

E não é só isso! Há também a preocupação de reconstituir com fidelidade o que os antigos deixaram, seja na disposição cromática, seja na técnica do entretecer, como antigamente se fazia com os célebres "Barafulas" empregados como moeda de tráfico no Golfo da Guiné onde eram apreciados.

É cheio de paciência que Manuel Figueira anda pelas ilhas, "catando" restos de teares e instrumentos que nossos tecelões manobravam na submissão que transformavam em beleza e que este Artista Caboverdiano está ressuscitando, para constituir uma página de documentação etnográfica, ao mesmo tempo de exposição criativa, a fim de não perdurar sobre Nós, um silêncio que, a bem da verdade, a Arte repudia, e não tem mais razão de ser.

1982 — A Cerâmica de Leão Lopes — A criação de Leão Lopes está no "inesperado"! o que faz dele um artista original. Com efeito, para conseguir o domínio na cerâmica, uma preparação técnica deverá ter sido necessária, aliada a um toque criativo que faz das suas peças autênticas raridades do nosso meio.

A atenção é imediatamente absorvida pela elegância plástica dos motivos, sobretudo os feitos à mão e submetidos ao poder da fantasia desse modelador.

Com uma tradição que vem de longa data, a nossa cerâmica popular, ou mais nomeadamente artesanal caboverdiana, teve grande difusão interna, com os produtos elaborados nas ilhas da Boavista e Santiago, onde foi encontrada a argila mais adequada. Se verificarmos as amostras dessas ilhas e se as confrontarmos, não restam dúvidas que os estilos mudam, talvez até as técnicas e os motivos, o que vem situar em posições definidas a origem étnica das famílias artesanais.

É aí que Leão Lopes contribui com a sua preparação profissional e sensibilidade artística, para manter um clima local, na recuperação desses testemunhos, mesmo modificados por fugas ou arranjos, que acompanham a marcha do tempo em que vivemos.

E, num olhar retrospectivo pela nossa cultura, ou pela sua expressão, tendo como instrumento o próprio povo, a sensação que nos fica é a serenidade com que o caboverdiano está descobrindo sua terra e recuperando sua Arte desaparecida, embora lentamente.

1982 — Os Cachimbos de Pulú — Presumimos que foi na Ilha da Boavista que surgiram os primeiros cachimbos, fabricados com argila local e que eram enviados para os fumadores do nosso arquipélago.

Pela sua fragilidade não duravam muito, talvez por isso a indústria desapareceu e cada qual arranhou-se como pôde, seja recebendo espécimes dos familiares embarcados, seja comprando no comércio local modelos vindos do Estrangeiro.

Em 1975 fomos surpreendidos por algumas amostras de cachimbos, de esmerado acabamento, feitos por Pulú, habilíssimo artista caboverdiano que se tornou mestre nessa especialidade.

Superando as dificuldades locais na obtenção da matéria-prima, Pulú hoje consegue minimizar essa falta, aproveitando-se da "espuma do mar" e dos dentes de cetáceos que dão à costa na Ilha do Maio.

O resultado foi positivo. Os cachimbos ficaram mais leves e adornados com uma graça que os torna convidativos aos olhares do público.

O ponto alto desse Artista está na individualidade que dá a cada peça, de modo a não haver duas delas exactamente iguais. A elegância, as linhas e o acabamento, fazem desses objectos autênticas obras-primas que poderão distinguir-nos em qualquer exposição internacional.

Pulú, detentor de um estilo, poderá constituir uma escola de continuadores, já que técnica e imaginação não lhe faltam. Aos jovens, os louros futuros, se souberem aproveitar dos ensinamentos do presente, desse artista da Ilha Brava.

1982 — Luis Tolentino — Paisagista plástico — Com uma equipe de criadores, no Centro Regional de Artesanato, Praia — Cabo Verde, Luis Tolentino está fazendo maravilhas, revelando trabalhos de bom gosto e delicadezas, extraídos de escamas de tartaruga, dentes de alguns cetáceos, casca de côco, chifres, etc.

A criação é livre, mas a preocupação é dar ao conjunto um tom caboverdiano, embora estilizado sob ponto de vista decorativo.

Quando se observa a sobriedade em que trabalham, a ausência de uma biblioteca especializada, quase nenhum maquinário auxiliar, tudo num local inadequado para a concentração artística e, ao mesmo tempo se nos

depara uma riqueza de objectos feitos à mão, pacientemente, de esmerada técnica, há que acreditar nas possibilidades e vitórias reservadas ao Artista e ao Artesão Caboverdianos.

Se for levado em conta que as peças feitas à mão são compostas isoladamente, sem haver repetição de cópias, daí se poderá julgar como é fecunda a imaginação daqueles mágicos que trabalham em silêncio.

De Luis Tolentino retivemos a impressão dalguem que tem a preocupação de uma certeza:— Revelar Cabo Verde, através de criações plásticas com a matéria-prima colhida na própria Terra-Mãe, onde os assuntos são o viver do dia-a-dia e que os artistas espontâneos, melhor que ninguém, sabem transmitir-nos.

Pedro Gregório — Desenho, arquitectura, poesia — Quem observar com atenção os desenhos de Pedro Gregório ficará admirado pela vida imprimida, com poucos traços, ao assunto em desenvolvimento ou exposto.

O mesmo se passa com a sua pintura, surrealista e ao mesmo tempo simbólica, que vai até à ingenuidade, instintiva ou misteriosamente, buscar soluções para os enigmas de uma criação que pende para o esoterismo, como se Pedro Gregório estivesse empenhado numa pesquisa de auto-subconsciência.

Se tivermos condições de interpretar sua arquitectura, a mesma preocupação à volta de um aglomerado de casas serve de apoio para aquilo que mais obseca esse criador polimorfo:— a VIDA! Daí ele conseguir fazer da disposição de uma casa, ou de um conjunto de casas, a sugestão de uma aldeia ou comunidade para abrigo e evolução de muitas vidas. Daí a mensagem social dessa natureza enigmática em que se refugia também um poeta estranho.

E é justamente na poesia que Pedro Gregório nos desconcerta, sem que ele perca o equilíbrio, consciente de nos levar até ao apocalipse do seu mundo oculto de onde extrai filtros e visões.

Seus poemas lembram profecias cabalísticas e interpretá-las é preciso ter condições de renúncia suficientes para se despegar deste mundo e penetrar magicamente naqueloutro em que esse Poeta e Artista se refugia quase que em estado de “nirvana” ou hipnose.

1982 — Cancioneiro popular caboverdiano — De todas as manifestações populares, que surgiram ultimamente em Cabo Verde, sem autor nem compositor conhecidos, e mesmo que, em nosso entender, melhor define claramente, e exactamente, hoje, o Sentimento Caboverdiano, quer na denúncia de uma sequência amaldiçoada de estiagens seculares, quer na persistência atávica do nativo em procurar na terra a água que lhe é negada do céu, temas já exaustivos dos nossos antigos cancioneros, destaca-se, sob novo prisma, o “Funaná” — DJONSINHO CABRAL — cantado por Ildo

Lobo, do conjunto “Os Tubarões”, que encara a situação de maneira diferente e que passamos a analisar:—

“Pergunta nha Joana qui staba lá
Pergunta nhô Flipi qué tistimunha
Pergunta ‘Ntoni qui sinam’ papel” ...

que traduzimos:—

“Pergunta à Sra. Joana que estava lá
Pergunta ao Sr. Filipe que é testemunha
Pergunta ao António que assinou-me o papel” ...

O protagonista, para justificar o desespero da decisão, começa por apelar pelas testemunhas que o acompanharam, quando teve de assinar um documento em que se desfaz dalgum haver, já que, individualmente, só pôde clamar:

— “Nha guenti es ano ‘m passa mal tamanho!”
 (“Minha gente este ano passei grandes males!”)

Num desfiar de causas negativas, embora sem se declarar derrotado, ele tem sobre si mesmo uma espécie de honra-ferida que necessita ser levada ao público, onde não há incriminação, mas sim o histórico das aflições que o perseguiram durante aquele ano agrícola:—

“ ‘M simiá nha midjo ‘m simiá nha fijen
‘M pô bongolon ‘m pô sapatinha
Tchuba ca bem nada ca dá
Pádja ca tem pa limária cumi” ...

que traduzimos:—

“Semei meu milho semei meu feijão
Plantei feijões Plantei vagens
A chuva não veio não houve colheita
Não há palha para as alimárias comerem” ...

No entanto, ao contrário de outros tempos, em que o nosso irmão camponês frente a circunstâncias de tamanha atrocidade era obrigado a abandonar todo o seu património em mãos dos Morgados ou dos Agiotas que faziam das “secas” fontes lucrativas de negócios desta vez levanta-se o Homem Caboverdiano no protesto do nosso BADIU dignificado:—

"Pa Nhô Morgado ca tomano tchon
'M fla mamai 'm ta bendé boi 'm ta pága" ...

que traduzimos:—

"Para que o Sr. Morgado não nos tome o terreno
Já disse à minha mãe que venderei os bois e pagarei as dívidas" ...

Atitude que vem revolucionar toda a arquitectura das antigas normas fatalistas que transformavam nossa gente do campo em escravos não declarados, pela submissão, pelo sofrimento calado, pela derrota sem combate leal.

Desta vez, não! Desta vez o sentimento sacrossanto da terra — após a realidade nacional — é enaltecido com a figura máter e disputado palmo a palmo pelo Filho-Nativo. A terra para ele, agora, é a segurança, a razão de ser e viver.

Tanto assim é que, como último expediente, é capaz de vender seu gado para evitar que o "morgado", lhe fique com o chão das sementeiras, símbolo de todo um universo que constituiu para se libertar e se afirmar, como cidadão que também está contribuindo para o soerguimento da própria terra natal, onde a comunidade é uma só família ou nação.

Exemplo edificante do mais extremado nacionalismo, esta surpreendente frase:— "Para que o Sr. Morgado não nos tome o terreno já disse à minha mãe que venderei os bois e pagarei as dívidas" — é caso novo na mentalidade do Novo Homem Caboverdiano!

Em outros tempos similares, ele se definharia lentamente, abandonando a terra e consumindo os animais de criação um a um, para depois morrer numa agonia de condenado, sem nome e sem cruz. Agora não! Agora ei-lo de pé, mesmo ameaçado pelos mesmos fantasmas, compelido a desapropriar-se dos seus pertences, mas pronto a defender as únicas realidades conseguidas na sua dolorosa luta:— a terra das sementeiras e a Maria dos seus amores!

"Pamodi Maria 'm ta bendi boi 'm ta pága"
(Pelo amor de Maria venderei os bois e pagarei as dívidas)

Dois patrimónios sagrados, que o prendem à vida e o instigam a lutar, porque os tempos mudaram e a consciência se dignificou.

O primeiro — a terra — transmite-lhe a certeza de um pão regado com o suor do seu rosto.

O segundo — a mulher — garante-lhe a continuação da espécie, através do sémen procriador, num instinto que tem vencido a desertificação e a morte da criatura.

Ambos resultantes de uma força milenária que condicionou o homem para enfrentar todas as barreiras e conseguir um lugar neste mundo.

E a realidade está patente, de vida ou morte, na grande batalha de todos os dias, nestas paragens onde a terra é boa e o céu não ajuda.

Sem dúvida, o alcance desses temas nas novas modalidades protestatórias das canções caboverdianas, terá de modificar o rumo que os assuntos anteriores vinham produzindo como uma negativa constância conformista de desalento.

Será, talvez, através, das "Coladeras" e dos "Funaná" que o novo processo poderá revolucionar não só a música popular, como também estabelecer outro panorama que até há pouco tempo vivia ignorado, como desabafo de um povo que, aos primeiros acordes, vibra e ginha quando o ritmo se torna comunicativo e impele, de um modo geral, toda a gente a fazer côro e dançar, por exemplo, a melodia em destaque: "Djonsinho Cabral".

Tal como na literatura de vanguarda, que se desfez bruscamente de matizes superadas ou entorpecentes, em que o problema social era ignorado pelo saudosismo romântico, a nossa música moderna, como expressão artística e participante, também sacudiu o conformismo das velhas toadas de plangência fatalista, para alvarar a bandeira da reivindicação em que os problemas do nosso povo ocupam o centro de todas as atenções.

Exemplos flagrantes estão sendo levados à cena, quer através do teatro com os balés do grupo "Kordá Kaoberdi", quer através do som, em espectáculos superiormente interpretados pelos populares conjuntos musicais "Os Tubarões" e "Bulimundo" de expressão caboverdiana.

Nova era artístico-cultural a iniciar os primeiros passos em Cabo Verde, no roteiro que lhe está destinado a representar em palcos internacionais, especialmente os mais próximos dos nossos emigrantes.

Uma questão de tempo e oportunidade, já que os temas estão na massa do povo, à beira da mão.

Todos Jovens-promessas. Todos gente-nossa. Deste povo caboverdiano que tem pendor pela música. Que na música encontrou o melhor veículo para desabafar, amar e reconstituir o seu mundo que lhe vivia no segredo da sua alma: KABVERD!